

LARGO DE SÃO CARLOS

JUL 4-28

festivalaolargo.pt

Entrada Livre +6

Millennium
FESTIVAL
AO LAR
GO²/₅

Millennium
bcp

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

CN B
COMPANHIA
NACIONAL
DE BALADÉ

ESTÚDIOS VICTOR
CORDON PLATAFORMA
CRIATIVA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA OPART

Conceição Amaral
Presidente

Rui Morais
Vogal

Sofia Meneses
Vogal

DIREÇÃO ARTÍSTICA DO FESTIVAL

João Paulo Santos *Coordenador*
Antonio Pirolli
Giampaolo Vessella
Comissão Artística do Teatro Nacional de São Carlos

Fernando Duarte
Companhia Nacional de Bailado

Rui Lopes Graça
Estúdios Victor Córdon

4 JUL 21H30
MÚSICA

Concerto de Sopros e Coro Masculino

5 JUL 21H30
MÚSICA

Madrigais Camonianos II

10/11/12 JUL 22H
DANÇA/CNB

Quatro Cantos num Soneto Stravinsky Violin Concerto

12 JUL 10H
ATELIERS FAMÍLIAS

Epopeia ...? Rima com baleia!

15/16 JUL 21H30
ÓPERA

Aida

18 JUL 21H30
MÚSICA

Grandes Coros de Ópera

19 JUL 21H30
ÓPERA - PROJEÇÃO

La bohème

22/23 JUL 22H
DANÇA/EVC

12 Pombos Smokey Sarah

26/28 JUL 21H30
ÓPERA

Thaïs

De 4 a 28 de julho, o Largo de São Carlos torna-se lugar de descoberta, de encontro entre o clássico e o contemporâneo, entre a herança literária de Camões e a arte em palco. O Millennium Festival ao Largo é um evento cultural gratuito que anima as noites de verão da cidade de Lisboa, transformando o Largo de São Carlos num palco ao ar livre para espetáculos de música clássica, ópera e dança.

Na 17ª edição, mantemos o espírito de partilha e de uma cultura acessível e gratuita que nos tem guiado desde a primeira edição.

No ano em que se assinalam os 500 anos da morte de uma figura transversal à sociedade e à cultura portuguesas, capaz de atrair a admiração de gerações, propomos um mosaico de obras inspiradas em Luís Vaz de Camões. Figura incontornável da sociedade portuguesa, Camões foi quase tudo quanto um homem podia ser no tempo em que viveu. Um estudioso e um humanista.

Com enfoque em obras dos séculos XIX a XXI, destacamos a estreia absoluta de uma nova criação de dança e percorremos o repertório de grandes compositores portugueses, apresentado por formações corais e orquestrais.

Na música, a poesia camoniana estará presente em obras de Fernando Lopes-Graça e Luís de Freitas Branco, que integram os programas inaugurais do Festival, nos dias 4 e 5 de julho respetivamente. No primeiro dia, o Coro masculino e uma formação orquestral de sopros e metais interpretam um excerto de *Sete predicções de «Os Lusíadas»*, peça extraordinariamente atual, em que dos dez cantos da epopeia, o compositor extrai passagens nas quais o poeta medita sobre os males do mundo. No dia seguinte, o Coro feminino interpreta *Madrigais Camonianos*, uma evocação das conhecidas obras de Freitas Branco.

Na dança, a Companhia Nacional de Bailado (CNB) apresenta nos dias 10, 11 e 12 de julho, às 22h, um programa duplo que ilustra o desafio e a vivacidade que a dança nos pode oferecer. *Quatro Cantos num Soneto* é uma nova criação de Fernando Duarte, em conjunto com as bailarinas Ana Lacerda, Inês Amaral, Isabel Galriça e Paulina Santos, inspirada na obra de Luís de Camões. Esta é uma nova peça em formato de cocriação com bailarinas da CNB, sob coordenação artística de Fernando Duarte, onde serão acompanhadas por música, vozes e palavras que modelam os seus próprios gestos e corporificam a memória e a contemporaneidade de Camões.

Quatro cantos num soneto parte do universo dialogante da performance, poesia e música, com textos de Luís de Camões e música de John Dowland, Diego Pisador e música ibérica do século XVI.

A esta estreia junta-se *Stravinsky Violin Concerto*, de George Balanchine, obra que entrou para o repertório da CNB em fevereiro deste ano.

Criada sobre a partitura musical de Igor Stravinski, *Stravinsky Violin Concerto* teve a sua estreia absoluta em 1972. Este bailado abstrato presta homenagem à tradição do ballet russo, codificada num estilo neoclássico, muito próprio de Balanchine. «É a mais visual das composições musicais que Balanchine alguma vez coreografou», disse a crítica de dança Nancy Goldener (New York Times).





A ópera terá, em 2025, uma presença mais relevante, desde logo através da apresentação de *Aida*, de Giuseppe Verdi, e de *Thaïs*, de Jules Massenet, ambas em versão de concerto. Dois grandes títulos líricos, com árias e coros muito populares, e elencos internacionais de grande qualidade, que nos acompanharão nas noites de 15 e 16, e 26 e 28 de julho, respetivamente.

Entre ambos os títulos, trazemos ao Largo um programa de *Grandes Coros de Ópera*, que tem sido apresentado em vários locais do país e que fará da noite de 18 de julho uma grande festa da ópera, com holofotes centrados no nosso Coro e Orquestra. No dia 19, dando continuidade à novidade introduzida no ano passado, transformamos o Largo numa grande sala de cinema e projetaremos *La bohème*, mais uma grande ópera, na encenação de Emilio Sagi, que a RTP gravou em São Carlos em 2022.

Nesta edição não podíamos deixar de apresentar mais uma edição do *Território*, um programa dedicado a jovens bailarinos e bailarinas com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, provenientes de escolas de dança de todo o país. Ao longo das várias temporadas, o programa já acolheu mais de 90 jovens, provenientes de cerca de 40 escolas de dança. Acolhendo anualmente coreógrafos(as) de relevância internacional, este ano o programa propõe nos dias 22 e 23 de julho, às 22h00, a remontagem de *Smokey Sarah* (2014) do coreógrafo Marco Goecke, e uma nova criação do coreógrafo Nadav Zelner, *12 Pombos*.

Marco Goecke, coreógrafo presente nas mais importantes companhias de dança, é portador de uma linguagem que desconstrói uma certa ideia de vocabulário estabelecido, determinando na sua prática corpos altamente treinados. Com isto, abre-se um caminho para um léxico surpreendentemente inesperado, exato e desprovido de elementos decorativos. Já com Nadav Zelner, coreógrafo em rápida ascensão, os intérpretes terão a oportunidade de experienciar um processo de procura intenso, cruzando várias áreas da criação artística, e que refletirá uma visão de um gesto coreográfico em profunda mudança, em resposta às rápidas e dramáticas transformações do mundo em que vivemos.

Esta edição contará ainda com um filme realizado por Alexia Fernandes, vencedora do prémio *Território | Estúdios Victor Córdon* na categoria de Melhor Realizador Português do InShadow – Lisbon ScreenDance Festival 2024.

Aos concertos, às óperas e aos espetáculos de dança juntamos nesta edição dois dias de programação e ateliers dedicados aos mais novos.

No dia 12 de julho convidamos os jovens dos 8 aos 13 anos e famílias a participarem num atelier de dança inspirado no universo lírico de Camões. Com conceção, coreografia e orientação de Sílvia Santos, e co-orientação de Filipa Pinhão, *Epopéia...? Rima com Baleia!* promete embalar os participantes numa epopeia sem fim onde, através das personagens, a palavra escrita se transforma em movimento(s) dançado(s). O atelier conta com um momento de performance pelos bailarinos da CNB, Emma Sicilia, Mar Escoda e Gonçalo Andrade, um momento de perguntas & respostas e outro de experimentação e dança pelos participantes.

Convidamos-vos a juntarem-se à Orquestra Sinfónica Portuguesa, ao Coro do Teatro Nacional de São Carlos, à Companhia Nacional de Bailado e aos Estúdios Victor Córdon para desfrutarem de mais um Millennium Festival ao Largo.

O Festival é um conceito desenvolvido e produzido pelo OPART e pelas três estruturas artísticas que gere - o Teatro Nacional de São Carlos, a Companhia Nacional de Bailado e os Estúdios Victor Córdon - que fazem do Largo um espaço comum de celebração e participação. O Millennium bcp é o mecenas principal do Festival.

4 JUL 21H30
MÚSICA / CONCERTO

Concerto de Sopros e Coro Masculino

— Camões / Guerra

Numa edição que celebra Camões, o concerto de abertura do Millennium Festival ao Largo convoca tenores, barítonos e doze instrumentos de sopro para interpretação da obra encomendada pela Secretaria de Estado da Cultura a Fernando Lopes-Graça (1906-1994), por ocasião do quarto centenário da morte de Luís de Camões. Estreada em 20 de agosto de 1980, no então denominado Festival de Música da Costa do Estoril, a peça reúne passagens do mais celebrizado poema épico do poeta português. Dos dez cantos da epopeia, o compositor extraiu sete passagens nas quais o poeta medita sobre os males do mundo e se insurge contra a corrupção pelo dinheiro, a sede de poder, a cobiça e a vaidade.

Bohuslav Martinu (1890-1959), afirmou-se pela confluência na sua obra de ritmos da música tradicional checa e de singularidades da música francesa. Estreada em 1939, a sua Missa campal reúne textos litúrgicos intercalados com poemas de Jiří Mucha, em que reflete sobre a condição dos combatentes checos que lutaram pelo exército francês durante a Segunda Guerra Mundial.

O concerto inicia-se com a Abertura para orquestra de sopros Op. 24, escrita por Felix Mendelssohn (1809-1847) quando tinha apenas 15 anos. Peça importante do repertório para sopros, apresenta um notável cuidado no equilíbrio e musicalidade.

Felix Mendelssohn *Abertura para sopros em Dó Maior, op. 24*
Fernando Lopes-Graça *Sete predicções de «Os Lusíadas»*
Bohuslav Martinu *Missa campal*

Tenor Leonel Pinheiro
Barítono Ricardo Panela
Direção musical Fernando Marinho

Coro masculino do Teatro Nacional de São Carlos
Maestro titular Giampaolo Vessella
Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução com Festival Estoril Lisboa
Pelo V centenário do nasc. de Luís de Camões

5 JUL 21H30
MÚSICA / CONCERTO

Madrigais Camonianos II

— Camões / Compositoras

A obra que dá título ao concerto constitui uma evocação das conhecidas obras de Luís de Freitas Branco (1890-1955) sobre poesia de Camões, neste caso para coro feminino. Este programa surge, aliás, no seguimento de um outro apresentado no final de 2024, para coro misto, no âmbito das celebrações do V centenário do nascimento de Luís de Camões.

O programa abre e fecha com canções do francês Léo Delibes (1836-1891), compositor conhecido pela escrita de outros géneros musicais, como ópera (Lakmé) ou bailado (Coppélia) que, neste concerto, demonstra a beleza da sua escrita para diferentes formações de vozes femininas.

Ainda no domínio dos compositores franceses, o programa completa-se com canções de Cécile Chaminade (1857-1944), umas das primeiras mulheres pianistas a ter obra editada, projeção internacional e a ser reconhecida pelos seus pares, designadamente por Maurice Ravel.

Léo Delibes *Messe breve, Les trois oiseaux, Les Norwegiennes, Les nymphes des bois*

Luís de Freitas Branco *Pois dano me faz, Falso cavaleiro ingrato, Apartaram-se os meus olhos*

Cécile Chaminade *Sous l'aile blanche, Les filles d'Arles, Les elfes des bois, Le Noël des marins, Ronde du crépuscule*

Piano Kodo Yamagishi
Direção musical Giampaolo Vessella
Coro feminino do Teatro Nacional de São Carlos

Pelo V centenário do nasc. de Luís de Camões

10, 11 E 12 JUL 22H
DANÇA / COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

Quatro Cantos num Soneto

A existência é, antes de tudo, tempo.
O tempo, sem que o possamos alterar, é movimento, é mudança.
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades... assim se imortaliza o pensamento de Camões e a inevitabilidade de estarmos em permanente mudança.
Uma lúcida constatação, escrita em tempos por uma leve pena, sem que para isso, tenhamos de sentir pesada pena. É o nosso (in)constante avanço.
Quatro cantos, quatro figuras,
Quatro vozes, quatro versos,
Quatro ou mais histórias de amor, almas gentis que cabem num só par.
Sem esquecer o nosso luso mito, só Inês ou Inês só...
Quatro cantos num soneto, porque tempo é também uma forma de poesia.

Fernando Duarte

Junho 2025

Conceito e coreografia Fernando Duarte, em cocriação com Ana Lacerda, Inês Amaral, Isabel Galriça e Paulina Santos *Textos* Luís de Camões, obra lírica e excertos de Os Lusíadas *Música* John Dowland, Diego Pisador e música ibérica anónima do séc. XVI *Seleção musical* Ricardo Leitão Pedro *Figurinos* Ana Lacerda *Desenho de luz* Fernando Duarte *Mestra de costura* Paula Marinho *Confeção de guarda-roupa* Atelier de costura CNB *Interpretação* Bailarinas e bailarinos da CNB *Produção* Companhia Nacional de Bailado

Stravinsky Violin Concerto

Em 1941, Balanchine coreografou *Balustrade* para o Ballet Russe, ao som de *Concerto para Violino em Ré*, de Stravinski. Três décadas depois volta a esta mesma partitura, mas sem conseguir lembrar-se da coreografia original. Este evento conduz à criação de toda uma nova obra, que segue de forma fiel a partitura: uma abertura, Toccata, e um final, Capriccio, encerram duas árias centrais, que formam pas-de-deux contrastantes para dois casais.

George Balanchine é um dos grandes nomes da dança do século XX. A sua visão contribuiu para o desenvolvimento da técnica de dança clássica, sendo pioneiro do estilo neoclássico. Destaca-se pela sua abordagem mais abstrata e menos narrativa da dança e uma ligação inequívoca à música, que se traduz, nas suas próprias palavras, em “ver a música, ouvir a dança”. A sua obra e visão são uma base inspiradora para a criação artística da dança desde a segunda metade do século XX até aos dias de hoje, continuando a influenciar bailarinos, coreógrafos, autores e o público.

Coreografia George Balanchine *Música* Igor Stravinski *Remontagem coreográfica* Maria Calegari e Bart Cook *Mestra de costura* Paula Marinho *Confeção de guarda-roupa* Atelier de costura CNB *Interpretação* Bailarinas e bailarinos da CNB *Produção* Companhia Nacional de Bailado

12 JUL 10H · ESTÚDIOS VÍCTOR CORDON
ATELIERS FAMÍLIAS

Epopéia ...? Rima com baleia!

No ano em que se comemora os 500 anos de Luís Vaz de Camões, e celebrando a reabertura do nosso teatro, a Companhia Nacional de Bailado propõe um atelier de movimento onde mergulhamos no fantástico oceano de palavras daquele que é sem dúvida alguma, um dos grandes nomes da literatura portuguesa.

Destinado a crianças e jovens dos 8 aos 13 anos, o atelier leva-nos a navegar pelo universo Camoniano através dos heróis e heroínas, deuses, ninfas e sereias, monstros marinhos, rimas com versos e gestos e muito mais.

Uma epopeia sem fim, onde através das personagens a palavra escrita se transforma em movimento(s) dançado(s).

Conceção e Cocriação Filipa Pinhão e Sílvia Santos

Interpretação Filipa Pinhão, Sílvia Santos,
Emma Sicília, Mar Escoda, Gonçalo Andrade

Inserido nas comemorações do V centenário do nascimento de Luís de Camões.



15 E 16 JUL 21H30
ÓPERA EM VERSÃO CONCERTO

Aida

— Giuseppe Verdi

Aida, em 1869

Aida, cuja trama evidencia relações conflituosas entre a vida privada e o desejo de poder, é talvez a mais espetacular ópera de Verdi.

Em 1869, ano de inauguração do Canal do Suez, Giuseppe Verdi (1813-1909) foi convidado pelo quediva Ismail Pasha para compor uma ópera a ser estreada na inauguração do Teatro de Ópera do Cairo. Aida é escrava de Amnéris, filha do faraó, embora todas ignorem que é uma princesa etíope. Ambas se apaixonam por Radamés, comandante do exército egípcio, embora apenas Aida seja retribuída. Instigada pelo pai, Amonasro, Aida convence Radamés a fugir com ela e a revelar um segredo militar, que o rei etíope usa a seu favor. Descoberta a sua traição à pátria, Radamés é sentenciado à morte. No entanto, Amnéris propõe-se interceder pelo condenado, caso este renuncie ao amor por Aida. Radamés recusa e acaba sepultado com a sua amada, consagrando a união de ambos à beira da morte.

O compositor foi mais longe que nunca no exotismo musical, nas harmonias e na orquestração, para dar uma coloração própria à narrativa desenrolada no Antigo Egito. O final sintetiza os diversos elementos usados por Verdi: cenas intimistas de grande profundidade em contraste com imponentes coros e grandiosa orquestra, como é exemplo a célebre Marcha Triunfal no 2.º ato, um dos pontos altos desta obra-prima.

Aida foi apresentada em versão de concerto em 1997, no âmbito do projeto "Óperas em Versão Concerto" da Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direção musical de António Pirolli.

Ópera em quatro atos

Libreto de **Antonio Ghislanzoni** (1871)

Aida, em 1869

Momentos mais importantes da ópera em versão de concerto

Aida, em 1869

Direção musical **Antonio Pirolli**

Aida **Cristiana Oliveira**

Amnéris **Cátia Moreso**

Radamès **Carlos Cardoso**

Amonasro **Luis Cansino**

Ramfis **Fabrizio Beggi**

O rei **Luís Rodrigues**

Aida, em 1869

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

18 JUL 21H30
MÚSICA / CONCERTO

Grandes Coros de Ópera

Aida, em 1869

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos e a Orquestra Sinfónica Portuguesa, grandes embaixadores do repertório lírico no nosso país, apresentam neste concerto uma inesquecível jornada pelos mais belos e populares coros de ópera.

É o caso do imponente coro inaugural da ópera Nabucco (1842), que serviu de rampa de lançamento de Giuseppe Verdi (1813–1901), o mais importante compositor da ópera italiana. A Abertura da ópera Der fliegende Holländer (1843) e o Coro dos Convidados, do 2º ato da ópera Tannhäuser, são páginas musicais icónicas assinadas por Richard Wagner (1813-1883).

Les voici é um dos mais famosos coros de ópera de sempre, parte integrante do 4º ato de Carmen (1874), a obra-prima e derradeira ópera de Georges Bizet (1838-1875).

Do compositor português Alfredo Keil (1850-1907), apresentaremos dois coros da sua mais célebre ópera, Serrana, estreada em 1899, e baseada no conto Como ela o amava! de Camilo Castelo Branco.

O programa integra, por último, repertório russo, com as imponentes «Danças polovtsianas», da ópera Príncipe Igor de Alexander Borodin (1833-1887), estreada postumamente em 1890.

Aida foi apresentada em versão de concerto em 1997, no âmbito do projeto "Óperas em Versão Concerto" da Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direção musical de António Pirolli.

Vincenzo Bellini *La straniera* «*Voga, voga, il vento tace...*»

Giuseppe Verdi *Nabucco* «*Gli arredi festivi*»

Giuseppe Verdi *Ernani* «*Si ridesti il Leon di Castiglia*»

Alfredo Keil *Serrana* «*Coro das fiandeiras*»

Alfredo Keil *Serrana* «*Nascida no meio da Serra*»

Richard Wagner *Der fliegende Holländer: Abertura*

Richard Wagner *Tannhäuser* «*Freudig begrüssen wir*»

Giuseppe Verdi *Macbeth* «*Patria oppressa*»

Giuseppe Verdi *Otello* «*Fuoco di gioia*»

Gaetano Donizetti *Don Pasquale* «*Che interminabile andirivieni*»

Georges Bizet *Carmen* «*Les voici*»

Alexander Borodin *Príncipe Igor* «*Danças polovtsianas*»

Aida, em 1869

Direção musical **Antonio Pirolli**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

19 JUL 21H30
ÓPERA - PROJEÇÃO

La bohème

La bohème, de Giacomo Puccini (1858-1924) continua a ser a ópera da juventude!

Baseada nas Cenas da Vida Boémia de Henri Murger e estreada em 1896 sob a direção de um (muito jovem) Arturo Toscanini, a obra é um enérgico e poético retrato do quotidiano de um grupo de jovens amigos artistas que vivem, amam e morrem (sempre loucamente!) na Paris do século XIX.

Coexistem nesta obra cenas de lírico e depurado intimismo, centradas na história de amor entre o poeta Rodolfo e a costureira Mimi, e cenas de fervilhantes multi-dões, apresentadas essencialmente no Ato II.

Nesta produção encenada pelo consagrado Emilio Sagi, o elenco maioritariamente português é liderado por Susana Gaspar.

A récita que apresentamos foi gravada em 20 de março de 2022 e realizada de forma solidária pelo povo ucraniano.

A receita reverteu integralmente para a UNICEF e para a Cruz Vermelha, instituições que prestam apoio às pessoas deslocadas.

Giacomo Puccini , <i>La bohème</i> <i>Libreto de</i> Giuseppe Giacosa e Luigi Illica, segundo Scènes de la vie bohème, de Henri Murger
--

Direção musical Domenico Longo
Encenação Emilio Sagi
Assistente de encenação Javier Ulacia
Figurinos Pepa Ojanguren
Responsável de figurinos Nadia Balada
Desenho de luz Eduardo Bravo

Mimi Susana Gaspar
Rodolfo Juan Noval Moro
Marcello Christian Luján
Musetta Bárbara Barradas
Colline André Henriques
Schaunard Diogo Oliveira
Benoît / Alcindoro João Merino
Parpignol Miguel Reis
Sargento Costa Campos
Guarda de alfândega João Oliveira
Vendedor de ameixas Nuno Cardoso

Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Maestro titular Giampaolo Vessella

Coro dos Pequenos Cantores da Academia de Amadores de Música
Maestro titular Vítor Paiva

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Colaboração com a RTP

22 E 23 JUL 22H
DANÇA / ESTÚDIOS VICTOR CÓRDON

Território VIII

Território é um programa dedicado a jovens bailarinos e bailarinas com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, provenientes de escolas de dança de todo o país. Ao longo das várias temporadas, o programa já acolheu mais de 90 jovens, provenientes de cerca de 40 escolas de dança. Acolhendo anualmente coreógrafos(as) de relevância internacional, este ano o programa propõe a remontagem de Smokey Sarah (2014) do coreógrafo Marco Goecke, e uma nova criação do coreógrafo Nadav Zelner.

Marco Goecke, coreógrafo presente nas mais importantes companhias de dança, é portador de uma linguagem que desconstrói uma certa ideia de vocabulário estabelecido, determinando na sua prática corpos altamente treinados. Com isto, abre-se um caminho para um léxico surpreendentemente inesperado, exato e desprovido de elementos decorativos. Já com Nadav Zelner, coreógrafo em rápida ascensão, os intérpretes terão a oportunidade de experienciar um processo de procura intenso, cruzando várias áreas da criação artística, e que refletirá uma visão de um gesto coreográfico em profunda mudança, em resposta às rápidas e dramáticas transformações do mundo em que vivemos.

Esta edição contará ainda com um filme realizado por Alexia Fernandes, vencedora do prémio Território | Estúdios Victor Córdon na categoria de Melhor Realizador Português do InShadow – Lisbon ScreenDance Festival 2024.

<i>Intérpretes</i> Afonso Ferreira, Alice Antunes, Alice Neto, Ana Sol Campos, Angel Gomes, Carolina Corvelo, Francisca Lopes, Francisco Teixeira, Hugo Biltes, Maria Miguel Lopes, Natalia López, Tomás Correia
--

Apoio ao Programa e Ensaiaadores Abel Rojo, Sara Schürmann
Direção técnica João Chicó
Mecenas principal Fundação Millennium BCP

Parceiros Inshadow – Lisbon Screendance Festival, Teatro Nacional São João, Teatro Aveirense, Nederlands Dans Theater NDT 2, Companhia Nacional de Bailado (CNB)

Escolas de dança representadas Academia de Dança Contemporânea de Setúbal, Conservatório Internacional de Ballet e Dança Annarella Sanchez, Dance Spot - Conservatório de Dança, Dna- Dance N’Arts School, EDD-Escola Domus Dança, Ent’Artes - Escola de Dança, Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra, Escola de Ballet do Porto, Ginásiano Escola de Dança.

12 Pombos

Coreografia Nadav Zelner
Música A anunciar
Figurinos Nadav Zelner
Desenho de luz João Chicó

Rua Vítor Cordon, 20, 1200-484 Lisboa

Um filme de Alexia Fernandes

Smokey Sarah

Coreografia Marco Goecke
Música Keith Jarrett – Carnegie Hall Concert, p artes I e III / Sarah Vaughan – Once in a While
Processo de transmissão e remontagem
Nicole Kohlmann
Estreia 2014, NDT Summer Intensive 2014

26 E 28 JUL 21H30
ÓPERA EM VERSÃO CONCERTO

Thaïs

— Jules Massenet

A ópera Thaïs, de Jules Massenet (1842-1912), é uma luxuriante obra dramática que assenta em polos que se repudiam, atraem e, no fim, se invertem, celebrizada pela Meditação para violino solo, tocada amiúde em recital.

Sonhos, pulsões, religião, moralidade – eis as temáticas que atravessaram o fim de siècle europeu e que o psicanalista austríaco Sigmund Freud analisou nas suas teorias. O romance Thaïs, do escritor francês Anatole France, inclui tudo isto. Publicado em 1891, o livro baseia-se em Santa Thaïs, que terá vivido no Egito copta no século IV.

Com libreto de Louis Gallet a partir do romance Thaïs, a ópera composta em 1894 por Massenet conta-nos dois percursos espirituais opostos: de um lado, está o monge Athanaël, que em sonhos revê Thaïs e assume como missão converter a cortesã pagã ao Cristianismo; do outro, está a pecadora Thaïs, desencantada com o vazio da sua vida hedonista e que, após meditar no assunto, aceita os argumentos de Athanaël e entra no convento à procura do amor divino... para morrer pouco depois nos braços do monge que abandonou os votos, perdido de amores por ela.

O erotismo em torno da religião fez com que a ópera fosse recebida com um misto de escândalo e admiração. Atualmente, Thaïs é consensualmente considerada uma sofisticada joia musical que merece ser redescoberta.

Comédie lyrique em três atos e sete quadros

Libreto de Louis Gallet

Baseada no romance de Anatole France (1894)

Momentos mais importantes da ópera em versão de concerto

Direção musical Renato Balsadonna

Thaïs Axelle Fanyo

Athanaël Pierre-Yves Pruvot

Nicias Luís Gomes

Crobyle Filipa Portela

Palémon François Lis

Myrtale / Albine Carolina Figueiredo

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular Giampaolo Vessella

Orquestra Sinfónica Portuguesa



Patrocinador principal

Millennium
bcp

Conceito e Produção

opart
ORGANISMO
DE PROMOÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

CN B
COMPANHIA NACIONAL
DE BALLETOS

ESTUDIOS VICTOR
GORDON PLATAFORMA
CRIATIVA

Patrocinador

idealista

Parceiro Institucional

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



Parceiro

JUNTA DE FREGUESIA
STA. MARIA MAIOR

Media Partner

RTP
RÁDIO E TELEVISÃO PORTUGUESA

Apoios

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

DLA PIPER